



Um breve balanço da influência russo-soviética na África Austral (1919 a 1975)

KELLY CRISTINA OLIVEIRA DE ARAUJO¹

¹ Doutora em História pela Université Paris IV - Sorbonne

A primeira vez que a Rússia interveio militarmente em conflitos na região meridional da África, ainda que não tenha sido diretamente, foi há mais de um século, quando cerca de duzentos voluntários russos, incluindo oficiais militares, se juntaram aos Boers na luta contra o Império britânico.

Este caso particular da Guerra dos Boers (1899-1902) poderia ser explicado pela escalada das tensões entre a Rússia e o Reino Unido. A guerra na África do Sul começou quando a rivalidade russo-britânica, em particular na Ásia Central (Guerra da Crimeia, 1853-1856) tinha gravemente deteriorado as relações entre os dois impérios (DAVIDSON e FILATOVA, 1998).

No entanto, essa participação ativa nos conflitos africanos não se desenvolveu verdadeiramente até o período onde a Rússia revolucionária ofereceu as mais importantes possibilidades de suportes financeiros e de trocas com o continente africano, mais exatamente a partir da emergência dos movimentos anticoloniais. Para Lenin, aprofundando um pensamento desenvolvido por Kautsky, a queda inevitável dos impérios coloniais é que iria colocar em curso a revolução mundial.

A internacional comunista (Comintern), também chamada de Terceira Internacional, fundada em março de 1919, em Moscou, anunciou como objetivos de sua luta a queda da burguesia por todos os meios, inclusive a força, e o estabelecimento da República Soviética Internacional. Neste mesmo ano, o dirigente do Comintern, Grigori Yevseyevich Zinoviev, falou sobre o seu sonho de um mundo revolucionário, no qual o bolchevismo iria se estender à Europa e por todo o planeta. Quando do Primeiro Congresso dos Povos do Oriente, realizado em Baku, em 1920, com a intenção de promover as revoluções coloniais, os delegados brandiram as suas armas no ar quando Zinoviev os convocou para uma guerra contra o imperialismo e o capitalismo, em que Lenin admitia colocar em risco a segurança do Estado soviético em benefício dos movimentos revolucionários dispersos pelo mundo.

Com a intenção de colocar em prática as palavras de Lenin sobre a libertação do mundo colonial, foi criada em 1927 a Liga contra o Imperialismo, e no momento da inauguração estavam presentes em Bruxelas o futuro primeiro-ministro da Índia independente, Jawaharlal Nehru, e o presidente do Congresso Nacional Africano (ANC), Josiah Tshangana. A Liga sobreviveu até 1943, mas, durante o período das purgas estalinistas dos anos 1930, ela permaneceu vigiada de perto pelas instituições da *intelligentsia* soviética e pouco pode fazer contra o imperialismo.

No entanto, Vladimir Mitrokhin, um antigo funcionário da KGB exilado em Londres, que saiu da Rússia com uma grande quantidade de documentos desta organização, revelou que o líder da independência do Quênia, Jomo Kenyata, tinha sido ativista nos movimentos anti-raciais dos estudantes africanos e negros americanos que viviam na União Soviética nos anos 1930. Enquanto estudante da Universidade do Comintern (KUTV), ele reclamava de que eram mal representados nas instituições culturais da União Soviética, como foi mencionado num documento de 1933 (MITROKHIN, 2005: p. 424). Este fato comprova a presença de estudantes africanos no seio das instituições soviéticas num período que precede a Segunda Guerra Mundial, ou seja durante os anos mais duros da repressão estalinista.

O período entre as duas guerras mundiais viu a criação do Partido Comunista da África do Sul, em 1921, o qual manteve relações com Moscou por décadas. O Comintern foi a organização responsável por introduzir e mediar os caminhos do Partido pelo universo das experiências soviéticas, e influenciou profunda e por muito tempo o Partido Comunista Sul-Africano. Igualmente, o partido sul-africano influenciou o Comintern – deveu-se a este contato a atenção que dispensaram os líderes do órgão soviético às então chamadas «questão do negro» e ao «problema colonial». Representantes do Partido Comunista Sul-Africano participaram das discussões do Comintern sobre raça e a situação social no continente africano, bem como sobre as melhores estratégias e táticas a serem adotadas pelo movimento comunista nos países colonizados, como é possível constatar no documento que diz:

«A África do Sul não era o país mais importante para o Comintern, mas era importante o suficiente para desfrutar de muita atenção. O número de documentos relacionados com a África do Sul nos arquivos do Comintern - milhares - é testemunho disso. A razão para este interesse foi a preocupação do Comintern com os países coloniais e dependentes, que ele considerava serem os potenciais aliados do movimento comunista na luta contra o capitalismo. De todos os países africanos, a África do Sul foi o de maior interesse para o Comintern. Durante a década de 1920 e 1930, a União da África do Sul foi o país mais industrializado e urbanizado no continente. Ele tinha uma classe trabalhadora urbana mais desenvolvida, numerosa e mais bem organizada do que qualquer outro país africano. O principal objetivo e meta do Comintern foi a preparação da revolução proletária mundial, por isso, naturalmente, ele viu o proletariado urbano como a força mais revolucionária. Esperava-se que o Partido Comunista da África do Sul (CPSA), que mais tarde fora rebatizado como Partido Comunista Sul-Africano / SACP, iria espalhar ideais comunistas em todo o continente africano, puxando-o, assim, para a revolução mundial» (DAVIDSON, 2003: p.3).

Nos documentos do Comintern citados por Mitrokhin é possível constatar que as esperanças do órgão numa revolução comunista na África do Sul havia se dissipado, e em fins dos anos 1930 teria recaído sobre os fundadores do Partido Comunista Sul Africano (CPSA), Sidney Bunting e Bill Andrews, a acusação de trotskismo e chauvinismo branco - acusação severamente contestada por Bunting em carta enviada ao secretariado do Comintern. Na sequência dos acontecimentos, Moscou deu ordem ao Partido Comunista da Grã-Bretanha (CPGB) para fornecer auxílio ao Partido Comunista da África do Sul, mas, em 1939, o PCGB escreveu um relatório onde concluiu que o CPSA não estava mais em atividade e que não tinha mais do que 200 membros.

Ainda que o Partido Comunista da África do Sul tenha se mantido ativo – principalmente até a sua interdição, em 1950, pela lei anticomunista adotada na África do Sul -, se engajou cada vez mais estreitamente numa via de colaboração com o ANC (African National Congress). Nelson Mandela, que em 1952 veio a ser Primeiro Vice-Presidente do ANC, foi um dos muitos militantes não comunistas que admitiram publicamente admirar o comprometimento e o sacrifício pessoal de seus camaradas comunistas brancos.

Em virtude do silêncio do Ocidente em relação ao regime racista que havia se instalado em Pretória, começou a difundir-se a ideia de que somente o Partido Comunista Soviético poderia apoiar as lutas de libertação. Mas, Stalin, ao contrário do que fez Lenin, concedeu prioridade absoluta à construção do socialismo na URSS, e o apoio atribuído aos movimentos revolucionários de todo o mundo foi subordinado aos interesses do Estado Soviético. Stalin declarou que a primeira regra do internacionalismo proletário era o apoio incondicional à URSS, conforme afirma o especialista em relações internacionais da União Soviética, Heinz Brahm:

« Os olhos de Stalin não souberam reconhecer o leninismo e o trotskismo em toda a sua profundidade após Lenin ter fechado os olhos para sempre. Sua teoria do socialismo em um só país é testemunha disso. Esta teoria que Stalin concebeu no período que sucedeu a derrota da revolução de outubro na Alemanha, apareceu em dezembro de 1924, sem que antes disso quase ninguém a conhecesse. Em consequência a vitória do socialismo em um só país era perfeitamente possível e viável (...). » (BRAHM, 1965: p. 91)

Seja como for, Stalin estava preocupado com a construção do seu *homo sovieticus*, na expressão de Marie-Pierre Rey:

"O período estalinista acentua essas ambiguidades: aspirando à criação de um homogêneo homo sovieticus, Stalin fez da nação russa, desde a metade dos anos 1930 e logo após a 2a Guerra Mundial, um primus inter pares, utilizando-se de referências positivas ao Império czarista russo e às suas grandes personagens (...)".
(Marie-Pierre REY, 2012: p. 635).

As questões africanas receberam pouca atenção durante esses anos, fosse das universidades ou das agências de inteligência. O quadro mudou levemente após o fim da 2a Guerra Mundial, momento em que as políticas soviéticas viraram o olhar para África no contexto da guerra fria.

A tradição soviética de expansão, de uma maneira geral, antes dos anos Krouchtchev, foi fortemente marcada pela continuidade territorial – para o Oeste, com o Leste europeu; ou para o Leste, em direção à China, à Coreia ou ao Vitenã, como podemos comprovar na fala de Brzezinski, Conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos durante a presidência de Jimmy Carter, entre 1977 e 1981:

« O comportamento soviético é sintomático do impulso histórico à longo prazo no qual a potência militar suplanta a ideologia marxista como força motriz fundamental. O impulso em direção ao Golfo Pérsico é um elemento histórico fundamental da política externa soviética. » (BRZEZINSKI, 1985: p. 485)

Quando Krouchtchev chegou ao poder, a configuração das relações internacionais evoluiu de uma visão territorial objetivando a segurança na Europa, na qual se insere o controle do Golfo Pérsico mencionado por Brzezinski, para uma percepção mais global que será marcada pela orientação da política soviética em direção ao Terceiro Mundo, conforme lemos em Jacques Levesque:

« Assim é possível afirmar que a política de Khrouchtchev foi, em geral, menos prudente do que aquela de Stalin. Ele correu mais riscos que seu predecessor pela promoção dos movimentos revolucionários, uma vez que os avaliava como sendo de interesse do Estado Soviético". (LEVESQUE, 1997: p. 7)

O interesse de Kruchtchev sobre o continente africano foi muito maior do que o de Stalin. Ainda que ele tivesse pouca informação sobre a África, havia ficado bastante impressionado pela força da retórica anti-imperialista dos líderes africanos no contexto das descolonizações.

A administração de Kruchtchev marcou o início da primeira fase de apoio soviético às descolonizações, levadas a cabo pelos países nascidos da desintegração dos impérios francês e

britânico. A KGB foi mais fortemente implicada nos eventos do continente africano a partir do verão de 1960, quando Krouchtchev decidiu ir à sessão da ONU que admitiria 16 novos países recém-independentes. Krouchtchev deu instruções ao chefe da KGB, Aleksandr Shelepin, para que a FCD – Primeira Direção Principal, organização responsável pelas operações estrangeiras – estabelecesse um departamento especializado na África subsaariana, pois estava convencido de que as dinâmicas dos processos revolucionários poderia fornecer-lhe vantagens para confrontar as potências imperialistas do lado ocidental.

Num primeiro momento, as ações da URSS em relação às independências e aos primeiros governos recém-estabelecidos eram intermediadas por uma seção do Décimo Departamento Geral das Forças Armadas da URSS (conhecida também por Desyatka), que era responsável pela cooperação militar com países estrangeiros.

Victor Kulikov – que em 1975 se tornaria Marechal na URSS, Chefe Geral do Estado-Maior e um pouco mais tarde Comandante em Chefe das Forças Armadas Unidas do Pacto de Varsóvia – embarcava neste mesmo ano para o Gana, comprovando a ação da Desyatka não somente no região norte da África (mais especificamente o Egito), mas igualmente na África ao sul do Saara.

De acordo com Vladimir Shubin², o fato foi comprovado quando, em agosto de 1960, ele próprio presenciou o envio de dez aviões de transporte soviético Ilyushin-14 com a insígnia congoleza pousando em Atenas e no Cairo no seu caminho em direção ao Congo. Eles estavam indo prestar ajuda a Patrice Lumumba, que movia suas tropas para a região de Katanga com a intenção de parar a insurreição separatista coordenada por Moise Tshombe. Foi o assassinato de Lumumba em conivência com a Central Intelligence Agency (CIA) e os serviços belgas de inteligência, somados ao mal uso pelas Nações Unidas das tropas ganenses enviadas para lá, que aproximou o presidente do Gana, Kwame N'Krumah, de Moscou e o incentivou a convidar conselheiros militares soviéticos para o seu país.

Não somente o Congo, mas muitos outros países africanos viveram guerras civis posteriores à independência. Em Angola, os primeiros tiros foram dados pelas forças de libertação em 4 de

² Vladimir Shubin é pesquisador no Instituto dos Estudos Africanos na Academia de Ciências da Rússia. É doutor em história pela Universidade de Moscou. Antes de ingressar no mundo universitário nos anos 1960, esteve implicado no apoio político e prático, à título oficial pela União Soviética, nas lutas armadas de libertação em África, o que lhe permitiu contatar muitos dirigentes e militantes desses movimentos.

fevereiro de 1961, quando se deu a tentativa da tomada das prisões em Luanda. A partir daí o Congresso Nacional Africano (CNA) passou a admitir o «uso da violência» na África do Sul; a FRELIMO, em Moçambique; a SWAPO, na Namíbia e a ZAPU e ZANU no Zimbábue.

Foi a partir deste momento que a URSS decidiu intervir militarmente mais uma vez na África Austral. Outra vez, como nos dias da Guerra Anglo-Bôer, começou a conceder suporte político e assistência militar para o lado que em sua opinião estava lutando por uma causa justa.

Nesse contexto, em 1961, Krouchtchev rebatizou a Universidade da Amizade entre os Povos em honra de Patrice Lumumba – Universidade da Amizade Patrice Lumumba – para os estudantes da África, Ásia e América Latina. O vice-primeiro reitor da Universidade e alguns membros eram oficiais da KGB que utilizava o corpo estudantil como um terreno de recrutamento de agentes para o terceiro mundo.

Nesse período novas tendências surgiram na cena política soviética. No plano externo, as linhas de conflito com o Ocidente foram estabelecidas com mais força e a «redução das tensões» não era o tema mais importante da política externa soviética.

Moscou passou a dar assistência à luta anticolonial em diferentes países durante todo o «período soviético» da história russa, cujo ápice foi a proposta da URSS, em sessão da Assembleia Geral da ONU, em 1960, para que fosse adotada a Declaração de Concessão de Independência aos Países e Povos Colonizados³.

A segunda razão evidente para o envolvimento soviético é semelhante àquele do apoio dado aos bôeres contra o império britânico: rivalidade com outra superpotência. No contexto histórico da guerra fria, os Estados Unidos da América era o adversário a ser enfrentado. No entanto, é preciso estar atento ao fato de que havia inúmeras razões para a atuação política da União Soviética em Angola, para além da lógica imposta pelas tensões da bipolaridade mundial.

O estado das relações entre a URSS e os EUA influenciava algumas decisões tomadas em Moscou sobre as ações na África, sobretudo Austral, mas a URSS não apoiou e assistiu os movimentos de libertação e, posteriormente, os Estados Africanos da *Linha da Frente*,

³ O documento completo pode ser acessado em: <http://daccess-ods.un.org/TMP/2095986.0086441.html> UN General Assembly. 947th Plenary Meeting, 14 December 1960. Resolution 1514 (XV). *Declaration on the Granting of Independence to Colonial Countries and Peoples*. p.66.

somente em função da Guerra Fria. Shubin afirma que o termo *Guerra Fria* não fazia parte do vocabulário dos soviéticos, pois era entendida como uma luta que unia as forças progressivas do mundo contra o imperialismo; *Guerra Fria* era usado estritamente no sentido negativo - para quem a luta era somente uma batalha entre duas superpotências assistidas pelos seus satélites e *proxies*.

Se na União Soviética a questão parecia ter forte apelo ideológico, analistas ocidentais, como Henry Kissinger, tendem a ser mais pragmático nas suas interpretações:

«Embora os soviéticos tenham reunido uma vasta força de mísseis de longo alcance, o Kremlin nunca a considerou suficiente para constituir uma ameaça direta aos direitos americanos estabelecidos. Em vez disso, a pressão militar soviética orientou-se no sentido de apoiar as chamadas guerras de libertação nacional em áreas do mundo em desenvolvimento, como Angola, Etiópia, Afeganistão e Nicarágua». (SHUBIN, 2008: p. 33).

Ou nas palavras de Anatloy Dobrynin, diplomata soviético nos Estados Unidos referindo-se ao fim da *detente*: *«Tudo levado em conta se poderia dizer que a detente acabou sendo enterrada nos campos da rivalidade soviético-americano no Terceiro Mundo» (DOBRYNIN, 1995: 473).*

O sucessor de Krouchtchev, Leonid Brejnev, considerado muito mais prudente e conservador, levou a cabo, principalmente a partir da década de 1970, o mais forte impulso expansionista desde a consolidação dos ganhos que a URSS adquiriu após a 2ª Guerra Mundial. Essa expansão era baseada nos apoios políticos e militares diretos ou indiretos, dado à movimentos revolucionários no Vietnã, Angola, Etiópia, Afeganistão, entre outros.

A URSS passou a incluir o apoio à «luta do povo pela libertação nacional e progresso social» como um dos objetivos da política externa soviética previsto na Constituição de 1977:

« Artigo 28. A União da Repúblicas Socialistas Soviéticas se esforça resolutamente para colocar em prática a política leninista da paz e promove o reforço da segurança das nações e uma grande cooperação internacional.

A política estrangeira da URSS visa assegurar as condições favoráveis internacionais para a edificação do comunismo na URSS, a salvaguarda dos interesses de estado da União Soviética, a consolidação das posições do socialismo mundial, apoiando a luta dos povos para a libertação nacional e o progresso social, a prevenção das guerras de agressão, de alcançar o desarmamento universal e

completo, e a aplicação constante do princípio da coexistência pacífica dos Estados com regimes sociais diferentes (...)

Artigo 30. A URSS, como parte integrante do sistema mundial do socialismo e da comunidade socialista, se compromete a promover e reforçar a amizade, a cooperação e a entreatura amigável com os outros países socialistas, na base do princípio do internacionalismo socialista (...)". (CONSTITUIÇÃO DA UNIÃO DAS REPÚBLICAS SOCIALISTAS SOVIÉTICAS, 1977)

Em relação ao envolvimento soviético na porção sul do continente africano, a nova fase de operações entram em curso no quadro da guerra fria provocada pela desintegração do império português, e os apoios dados aos movimentos de libertação na então Rodésia, África do Sul e Namíbia. Após a queda de Haile Selassie, na Etiópia, em 1974, e do fim do Império Português, enterrado em 1975, seguiu-se a emergência de regimes marxistas, aparentemente comprometidos com o bloco do leste, em Angola, Moçambique e Etiópia, criando uma nova onda de otimismo em relação à África.

Moscou investiu grandes esperanças e recursos nesses países, implicando também seus aliados, especialmente Cuba e a Alemanha Oriental, para defender os novos regimes marxistas. E embora aqui nos detenhamos quase que exclusivamente sobre os interesses soviéticos nos países africanos, faz-se necessário salientar que os países beneficiários dos auxílio soviéticos e de seus aliados de fato tinham grande parte dos seus interesses atendidos, e por isso alinhavam-se com a União Soviética, o que descarta por completo a possibilidade de unilateralidade da relação.

O crescimento dos interesses soviéticos pelas matérias-primas africanas e pela abertura de um possível mercado consumidor, coincide com o momento em que Brejnev e seus partidários consolidavam sua posição no poder. Os soviéticos forneciam maquinarias e armamentos, e juntamente com os equipamentos, enviava técnicos soviéticos para ensinar o manejo das máquina, assim como manifestavam interesse por alguns minerais raros - a bauxita e o cobalto, particularmente -, e pelo cacau, café, entre outros⁴. Por isso, Brejnev apoiou o deslocamento da política internacional global em direção ao chamado mundo em desenvolvimento, reforçado por uma marinha que tinha a seu cargo uma missão mundial. Moscou valeu-se da adoção do marxismo-leninismo por alguns países africanos para

⁴ Para maiores informações ver: Anatoli GROMIKO, *Africa: progress, problems, prospects*, Moscou, Progress Publ. 1983, p. 18-19. [version française : *L'Afrique d'aujourd'hui : progrès, difficultés, perspectives*, Moscou, Académie des Sciences de l'U.R.S.S ; Sciences sociales aujourd'hui, 1984 ; 1^e édition en russe : 1981].



10

aumentar a sua influência e, conseqüentemente, para diminuir aquela exercida pelos Estados Unidos nesses países, preservando assim sua posição geopolítica.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

ANDREW, Christopher M. e MITROKHIN, Vasili. *The Mitrokhin Archive II: The KGB and the World*, Londres, New York, Allen Lane, 2005.

BRZEZINSKI, Zbigniew. *Power and Principle. Memoirs of the national security adviser: 1977-1981*, New York, Farrar, Strauss, Giroux, 1985.

DAVIDSON, A. Borisovich e FILATOVA, Irina. *The Russians and the Anglo-Boer War: 1899-1902*. Cape Town, Human & Rousseau, 1998.

DAVIDSON, A. B. *South Africa and the Communist International: a documentary history. Vol. 1. Socialist Pilgrims to Bolshevik Footsoldiers. 1919-1930*. Londres, Frank Cass Publishers, 2003.

DE WITTE, Ludo. *O Assassinato de Lumumba*. Lisboa, Editorial Caminho, 2001.

KISSINGER, Henry. *Diplomacia*. Lisboa, Gradiva, 2007 (3a edição).

REY, Marie-Pierre. "Identité Russe et Identité Européene au XXe siècle", in. Robert FRANK, *Pour l'histoire des relations internationales*, Paris, PUF, 2012.

SHUBIN, Vladimir. *The Hot «Cold War». The USSR in Southern Africa*. South Africa, University of Kwazulu- Natal Press; Pluto Press, 2008.

ARTIGOS DE PERIÓDICOS

BRAHM, H. « La “révolution permanente” de Trotski et le “socialisme dans un seul pays” de Staline », *Cahiers du monde russe et soviétique*, Vol. 6, N° 1, Janv-Mars 1965.

HARGREAVES, John D. « The Comintern and Anti-Colonialism: new research opportunities », *African Affairs*, N° 92, 1993.

IVAKHENKO, Tamara. "Le maréchal Kulikov: j'ai dû passer toutes les étapes du service militaire". In: «Win-60»- <http://www.pobeda-60.ru/main.php?trid=6022> (Útima consulta: 27 de março 2015).

LEVESQUE, Jacques. «Quelques paradoxes de la politique internationale de l'URSS », *Communisme*, Revue d'Études Pluridisciplinaires, N° 49-50: La Politique Extérieure de l'URSS, Editeur L'Age d'Homme, 1^{er} et 2^e trimestres 1997.

DOCUMENTOS

COMMUNISME. Revue d'Études Pluridisciplinaires. "La Politique Extérieure de l'URSS". No 49-50. Editeur L'Age d'Homme. 1997.

UN General Assembly. 947th Plenary Meeting, 14 December 1960. Resolution 1514 (XV). *Declaration on the Granting of Independence to Colonial Countries and Peoples*. <http://daccess-ods.un.org/TMP/2095986.0086441.html> (Última consulta em 27 de março de 2015).

CONSTITUTION. (*FUNDAMENTAL LAW*) OF THE UNION OF SOVIET SOCIALIST *REPUBLICS*. Adopted at the Seventh (Special) Session of the Supreme Soviet of the USSR, Ninth Convocation on October 7th, 1977.

GROMIKO, Anatoli. *Africa: progress, problems, prospects*, Moscou, Progress Publ. 1983.